



ANÁLISE DA DISSEMINAÇÃO E DO IMPACTO DAS FAKE NEWS SOBRE A SAÚDE COLETIVA

Davi Azevedo Ferreira¹, Camila de Albuquerque Montenegro²

RESUMO

A partir da internet se inicia uma mudança digital, transformando o modo como as notícias chegam. Buscou-se avaliar o impacto da disseminação das fake news (FN) sobre a população no âmbito da saúde, por meio de um estudo transversal, descritivo, retrospectivo e quali-quantitativo em vários estados do Brasil. Para a análise estatística utilizou-se o programa Statistical Package for Social Sciences (SPSS) v.20.0, com respectivos intervalos de confiança de 95% e valor de $p \leq 0,05$, através do Teste Qui-Quadrado de Pearson, para avaliação da significância estatística. A pesquisa teve um $n=1358$ participantes, desses, 52% eram mulheres e 44% possuíam de 18 a 24 anos. A maior adesão se deu na Paraíba (31,1%- $n=423$), seguido por São Paulo (12,2%- $n=165$), Rio Grande do Norte (9,2%- $n=125$) e Minas Gerais (5,3%- $n=72$). O Whatsapp, Instagram e Google são os meios pelos quais mais ocorrem disseminação de informações. Repasse para “parentes no privado” e o “repasso para amigos no privado” ocorrem, em sua maioria, ‘raramente’ e ‘às vezes’. 91% não vê problema em tomar vacinas, 86% recebem informações sobre vacinas e $n=1272$ acredita que a vacina os protege. 59% às vezes confiam nas informações recebidas sobre medicamentos. As notícias mais veiculadas na pandemia da COVID-19 foram acerca dos medicamentos cloroquina e hidroxicloroquina ($n=1121$) e ivermectina ($n=1021$). 1220 participantes acreditam que as FN interferem bastante na saúde coletiva, por isso indicaram verificar a veracidade antes de compartilhar, campanhas de conscientização populacional e melhor funcionamento das redes sociais, como maneiras para evitar e combater as FN.

Palavras-chave: Fake News, Saúde Coletiva, COVID-19.

¹Aluno do curso de Farmácia, Unidade Acadêmica de Saúde (UAS), Centro de Educação e Saúde (CES) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Cuité, PB, e-mail: davi.azevedo@estudante.ufcg.edu.br

²Doutora, Professora, Unidade Acadêmica de Saúde (UAS), Centro de Educação e Saúde (CES) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Cuité, PB, e-mail: camila.albuquerque@professor.ufcg.edu.br

ANALYSIS OF THE DISSEMINATION AND IMPACT OF FAKE NEWS ON COLLECTIVE HEALTH

ABSTRACT

From the internet a digital shift begins, transforming the way news arrives. This research evaluated the impact of the dissemination of *fake news* (FN) on the population in the health field, through a cross-sectional, descriptive, retrospective and qualitative study in several Brazilian states. For the statistical analysis, the Statistical Package for Social Sciences (SPSS) v.20.0 program was used, with respective 95% confidence intervals and $p \leq 0.05$, through the Pearson's Chi-Square Test, to evaluate the statistical significance. The survey had $n=1358$ participants, of which 52% were women and 44% were aged between 18 and 24 years. The highest adherence occurred in Paraíba (31.1%- $n=423$), followed by São Paulo (12.2%- $n=165$), Rio Grande do Norte (9.2%- $n=125$) and Minas Gerais (5.3%- $n=72$). Whatsapp, Instagram and Google are the means by which information is most disseminated. Forwarding to "relatives in private" and "passing to friends in private" occur mostly 'rarely' and 'sometimes'. 91% do not see a problem in taking vaccines, 86% receive information about vaccines and $n=1272$ believes that the vaccine protects them. 59% sometimes trust the information received about medications. The most publicized news in the COVID-19 pandemic were about the drugs chloroquine and hydroxychloroquine ($n=1121$) and ivermectin ($n=1021$). 1220 participants believe that FNs interfere a lot in collective health, so they indicated checking the veracity before sharing, population awareness campaigns and better functioning of social networks, as ways to prevent and combat FNs

Keywords: Fake News, Public Health, COVID-19.